



O REPATRIAMENTO DOS RESTOS MORTAIS DO FUNDADOR DA IMPRENSA BRASILEIRA, HIPÓLITO DA COSTA



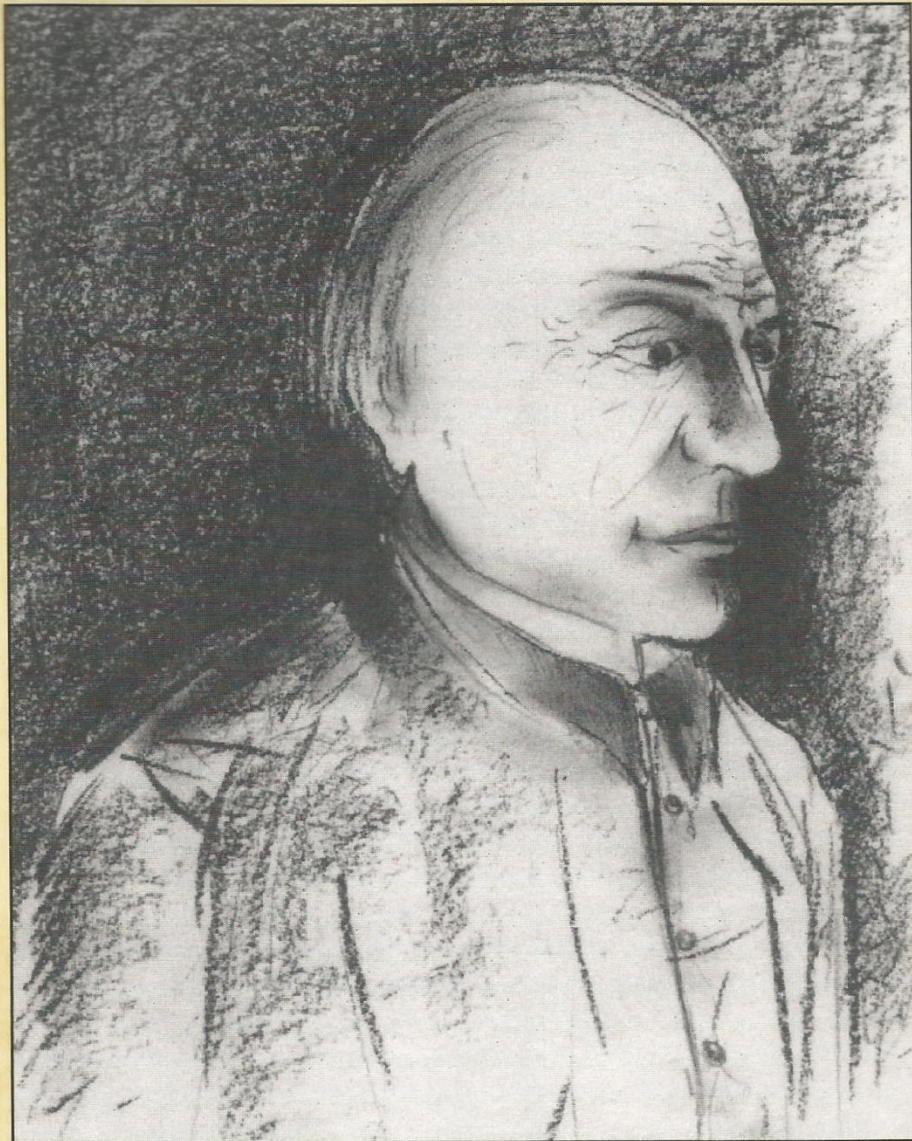
Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

(Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia e da Academia Militar das Agulhas Negs. Presidente e Fundador da (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971-1974. O autor e Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia. declarado em 15 de fevereiro de 1955 Turma Aspirante Mega. Foi instrutor de História Militar na AMAN em 1978-1980. Fundou e preside desde 1º de Março de 1996 a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) desde então acolhida pela AMAN em suas instalações. Natural de Canguçu onde nasceu em 19 de outubro de 1931, entre as revoluções de 30 e 32 que empolgaram Canguçu. Estudou no Colegio N.S Aparecida 1938-1944, durante período que coincidiu com a 2ª Guerra Mundial.

Esta trabalho foi digitalizado do livro cuja capa apresenta a seguir para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado a AMAN em Boletim Interno para ser integrado ao Projeto Pérgamo de Bibliotecas do Exército

PADRE DOUTOR

Pedro Pereira Fernandes de Mesquita



*Patrono da Cadeira 15 da
Academia Pelotense de Letras*

BENTO, Cláudio Moreira. O repatriamento dos restos mortais do fundador da Imprensa Brasileira Brasileira. P. 111/113

IRMÃO JACOB JOSÉ PARMAGNANI

O REPATRIAMENTO DOS RESTOS MORTAIS DO FUNDADOR DA IMPRENSA BRASILEIRA, HIPÓLITO DA COSTA

Cel Cláudio Moreira Bento

O Globo Repórter noticiou dia 10 de abril que a Rainha da Inglaterra, como chefe da Igreja Anglicana, permitiu que os restos mortais de Hipólito da Costa, fundador da Imprensa Brasileira e que passou parte de sua infância e adolescência em Pelotas, retornassem ao Brasil em definitivo.

Vale lembrar que esta idéia foi dada por nós no **Diário Popular** de Pelotas, em três artigos sob o título "**Pelotas e o fundador do jornalismo brasileiro**" em 30 jan. e 1º e 2 fev. de 1972 e publicados na "**Coluna Querência da Sociedade Gaúcha J. Simões Lopes Neto**" do citado jornal.

Artigos que tiveram repercussão no **Correio do Povo** na coluna "**Revivendo o passado**", do jornalista Arquimedes Fortini e com o mesmo título do que publicamos no **Diário Popular** e elogiando a iniciativa deste jornal e do autor dos artigos. A matéria de Arquimedes Fortini repercutiu na grande imprensa, sendo objeto de editorial do **Jornal do Brasil** da lavra do falecido confrade Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, também Presidente da ABI, escrevendo que a idéia da iniciativa do traslado dos restos mortais de Hipólito da Costa, que deveria ter sido de um jornalista, o fora de um jovem historiador militar e oficial do Exército. A iniciativa foi acolhida também pelo "**Estado de São Paulo**".

Em 14 de março de 1972, em artigo no **Correio Braziliense**, em Brasília, publicamos artigo - "**Os restos mortais do patrono da Imprensa no Brasil**", reiterando a idéia do repatriamento dos restos mortais de Hipólito da Costa. Em seguida, no mesmo jornal, em 23 de abril de 1972, data do início das comemorações do Sesquicentenário da Independência, fomos encarregados pelo **Correio Braziliense**, por Ari Cunha, de elaborar a edição histórica constituída de quatro artigos históricos por nós assinados e dentre eles, "**O Patrono da Imprensa do Brasil e a Independência**".

E a campanha pró repatriamento ganhou grande impulso.

Neste mesmo ano, a Assembléia Legislativa do RS e a Associação de Imprensa do Rio Grande do Sul promoveram um concurso literário do qual participamos com o trabalho - "**O gaúcho fundador da Imprensa Brasileira**", que foi classificado em 2º lugar, cujo prêmio recebemos em sessão da Assembléia Legislativa. Livro cujo único exemplar dos originais encontra-se na Biblioteca do Colégio N. S. Aparecida em Canguçu, onde cursamos o primário até 1944.

Dentre outras iniciativas decorrentes, recordo a criação do Museu Hipólito da Costa, em Porto Alegre.

Assim, decorridos 29 anos da nossa proposta acolhida pelo **Diário Popular**, é com grande alegria e emoção cívica de historiador filho da Zona Sul do Rio Grande do Sul, que vemos concretizado o sugerido repatriamento de Hipólito da Costa para o Brasil.

Hipólito da Costa editou de 1808 a 1822 o **Correio Braziliense** na Inglaterra, jornal que lutou pela nossa Independência. Um de seus filhos foi companheiro do jovem e hoje patrono da Marinha, Almirante Tamandaré, em operação naval no sul da Argentina, na Guerra Cisplatina 1825-28. Outro filho seu foi oficial da Marinha da Inglaterra e foi assassinado em Hong Kong, depois de um assalto numa praia daquela cidade.

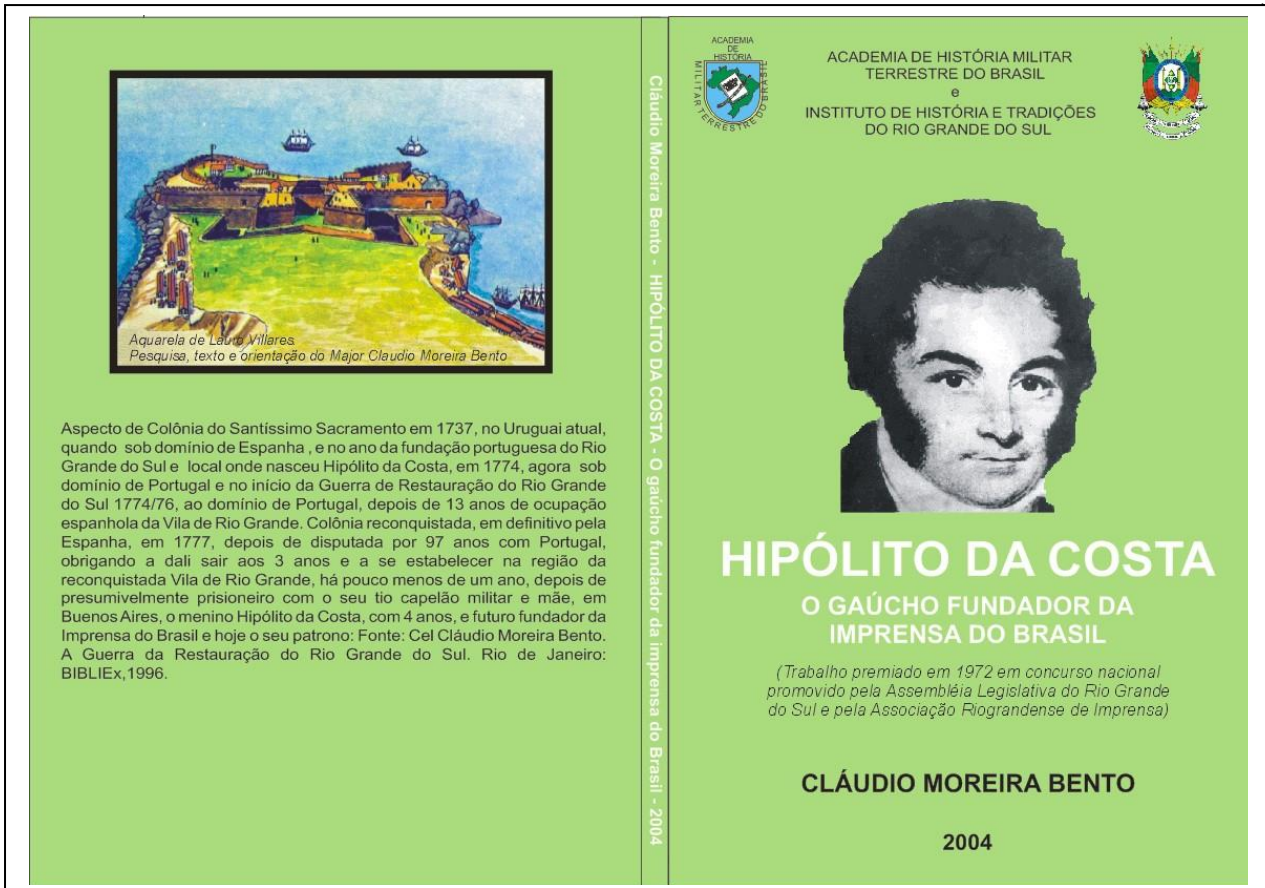
Hipólito da Costa nasceu em Colônia do Sacramento, de onde teve que imigrar com a família para a Região de Pelotas, em razão da conquista definitiva de Colônia do Sacramento pelos espanhóis em 1777, oficializada com o Tratado de Santo Ildefonso.

Hipólito da Costa é irmão do Padre Felício, ligado aos primeiros tempos de Pelotas como freguesia São Francisco de Paula e filho do comandante da primeira força militar organizada em Pelotas em 1784, uma Companhia de Ordenanças, assunto este que esclarecemos em artigo, **"Uma Companhia de Ordenanças em Pelotas" em 1774?** na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** v. 344,1983. Pois o fato teve lugar em 1784, depois de expulsos em 1776 os espanhóis das terras de Pelotas, ocasião, em que teve início o povoamento efetivo da área, por Portugal.

Coronel Cláudio Moreira Bento, Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.



Coronel reformado Cláudio Moreira Bento, historiador, iniciador do movimento pró repatriação dos restos do Patrono da Imprensa, Hipólito da Costa.



Nosso livro premiado em concurso promovido em 1972 pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Riograndense de Imprensa (ARI), publicado em 2004, sob a égide da Academia Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHTRGS), e no conjunto de nosso Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, constituído de 21 livros, em razão de o pai de Hipólito ser sargento dos Dragões do Rio Pardo, seu tio o Padre Doutor, haver sido o Capelão Militar de Colônia do Sacramento, um de seus filhos haver lutado na Guerra Cisplatina, ao lado do futuro Marques de Tamandaré, o patrono da Marinha Brasileira e seus descendentes terem feito carreira no Exército da Inglaterra.

O autor do livro que conheci em 1948/1949 como Diretor do Ginásio Gonzaga que frequentei de 1945-1949, e foi meu professor de Literatura em 1949, no 1º Científico, e dele recebi o primeiro estímulo para me tornar escritor ao elogiar a redação que fiz, comentando positivamente. E o conhecíamos como irmão Benildo Amadeus. Passados muitos anos nos encontramos em São Gabriel num Simpósio de Microhistória. Eu como historiador militar de Canguçu meu berço natal ele como historiador dos lassalistas. E estreitamos laços de amizade. A última vez que o encontrei e já como o nome de Jacó José Parmagnani. Foi na comemoração em 1998, do cinquentenário de minha turma no Ginásio. E estreitamos nosso contato epistolar. Foi uma grande e apreciada figura de seus ex-alunos. E o acompanhei até seus últimos dias. Dos tempos do Gonzaga guardo excelente lembrança do Irmão Daniel, modelar e tranquilo prefeito responsável pelos pensionistas maiores e que o historiador Jacó biografou. Daniel era filho de Venâncio Aires. Escrevi minhas Memórias dos tempos do Gonzaga e as mostrei ao Irmão Jacó que concordou com minhas críticas sobre um irmão lassalista, do Gonzaga muito manipulador que deixou a batina casou e foi morar em São Lourenço do Sul.